

Classes Superiores e Classes Inferiores

Nildo Viana*

A questão das classes sociais é fundamental na teoria de Marx e para o marxismo. Ela ganhou várias discussões e abordagens sociológicas. Porém, tanto nas abordagens sociológicas quanto na marxista, ainda existem muitos pontos obscuros. Dentre estes pontos obscuros, basta citar o pouco desenvolvimento da análise de determinadas classes sociais específicas. Em certos casos, dependendo do sociólogo que se aventurou a tratar das classes sociais, nem sequer há uma discussão sobre cada uma delas. Porém, não vamos tratar aqui da sociologia das classes sociais ou das diversas abordagens nesse temário, pois nosso objetivo é discutir a concepção marxista de classes sociais num aspecto bem delimitado, que é o uso de termos que expressem as classes sociais em seus dois agregados mais amplos, as classes superiores e as classes inferiores. Assim, também não vamos discutir a teoria das classes sociais de Marx e seu desenvolvimento posterior por outros autores marxistas, apesar de realizar uma breve síntese a esse respeito para possibilitar a nossa análise sobre classes sociais superiores e inferiores.

Uma classe social pode ser definida como um conjunto de indivíduos que possuem o mesmo modo de vida, os mesmos interesses e a mesma luta comum contra outras classes sociais, que são elementos derivados da divisão social do trabalho, que, por sua vez, é determinada pelo modo de produção dominante¹. Assim, é equivocado definir classes sociais apenas pelo modo de vida, interesses e lutas comuns, pois isso pode se manifestar, embora sob forma diferenciadas, no caso de outras coletividades (famílias, grupos sociais, etc.). Esses aspectos em comuns são específicos, são derivados da “atividade fixa” na divisão social do trabalho (MARX; ENGELS, 1982) e, na perspectiva marxista, é fundamental entender que esta última só pode ser compreendida a partir de sua constituição pelo modo de produção dominante. Assim, os servos domésticos e os assalariados domésticos só podem ser assim entendidos através da compreensão das relações de produção dominantes, a servidão e a produção de mais-valor, respectivamente.

* Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília.

¹ Essa definição, não explícita, se encontra em Marx e Engels (1982) e tem desdobramentos em outras obras, tal como se pode ver na síntese realizada dos diversos escritos destes autores (VIANA, 2018a; VIANA, 2016).

Da mesma forma, é a partir do modo de produção dominante que se pode compreender o campesinato no capitalismo e outras classes sociais em todas as sociedades de classes. O elemento diferenciador das classes sociais em relação a outras coletividades com elementos semelhantes é o vínculo com o trabalho e com o processo de reprodução das condições de existência. O que une os indivíduos no pertencimento de classe é a posição na divisão social do trabalho e não a corporeidade (características biológicas, como sexo e raça), a etnia, a cultura, ou qualquer outro aspecto. Sem dúvida, o pertencimento de classe tem efeito sobre todos estes outros aspectos, mas não é uma característica das classes e sim impactos da condição de classe nesses outros elementos das diferenciações sociais. Assim, as mulheres, os negros, os hippies, os jovens, os muçulmanos, os católicos, os judeus, os ecologistas, entre inúmeros outros exemplos possíveis, não são classes sociais. Essa afirmação é um tanto óbvia, embora muitos sociólogos e outros pesquisadores confundam ou apresentem definições confusas que acabam permitindo confundir essas coisas distintas.

Porém, aqui tratamos de classes sociais em geral. Essa foi uma das discussões efetivadas pioneiramente por Marx, mas ele foi além disso e desenvolveu uma análise das classes sociais no capitalismo (MARX, 1988; VIANA, 2018a; VIANA, 2016). A partir do modo de produção capitalista emergem as duas classes sociais fundamentais: a classe capitalista e a classe operária, ou, usando outros termos, a burguesia e o proletariado. E, derivado da divisão social do trabalho gerada pelo modo de produção capitalista, emergem outras classes, tal como a burocracia (VIANA, 2018a) e outras classes instituídas nas formas sociais (“superestrutura”), nos modos de produção subordinados (camponeses, artesãos, etc.), etc. No fundo, a sociedade capitalista institui um conjunto de classes sociais².

Explicitado o significado do conceito de classes sociais, é necessário entender que na realidade concreta estas se articulam, seja via blocos sociais (o setor organizado, consciente e ativo que representam as classes sociais), seja nas lutas sociais concretas por possuírem interesses semelhantes. Marx apontava para uma tendência de polarização cada vez mais intensa entre burguesia e proletariado com o desenvolvimento capitalista (MARX; ENGELS, 1988). Ele pensava isso a partir da constatação de que as classes

² Alguns sociólogos deformaram a concepção de Marx ao atribuir a ele a ideia de apenas duas classes sociais no capitalismo (GURVITCH, 1982), certamente por ter lido apenas o volume 01 de *O Capital*, no qual ele focaliza a produção de mais-valor, logo, a relação de produção existente entre burguesia e proletariado, pois, se tivesse lido os demais volumes, veria as referências e análises dos latifundiários, campesinato, lumpemproletariado, etc.

sociais em decadência (oriundas da sociedade feudal), as classes sociais de modos de produção subordinados (campesinato, por exemplo) e semicapitalista (pequenos proprietários, por exemplo), tendiam a diminuir e desaparecer, simplificando os conflitos de classes e restando o antagonismo entre as classes sociais fundamentais, burguesia e proletariado, como forma básica e visível das contradições do capitalismo. Por outro lado, Marx também colocou que as duas classes fundamentais tendiam a hegemonizar as lutas sociais, com as demais classes sociais girando em torno delas e assumindo o lado de uma ou outra classe social, por mais que algumas pudessem querer se autonomizar³.

As duas assertivas de Marx, a da simplificação do antagonismo de classes com a polarização da luta entre burguesia e proletariado e a coalizão de classes em torno delas, não se efetivaram exatamente como ele previu. Assim, as classes decadentes foram realmente desaparecendo e as classes ligadas a modos de produção subordinados perderam quantidade e espaço político, mas, no entanto, outras classes sociais emergiram ou se fortaleceram. Por um lado, a nobreza desapareceu e só restaram adornos integrados na sociedade capitalista, bem como os servos deixaram de existir e o clero foi integrado no capitalismo como uma esfera social⁴. Os artesãos também foram reduzidos à quase inexistência com o desenvolvimento capitalista e o campesinato foi ficando cada vez mais diminuto, até desaparecer em alguns países⁵. E, nesse aspecto, Marx estava correto. Porém, Marx escreveu no século 19 e, embora tenha percebido as mutações e até a emergência de novas classes sociais, não pensou que elas se tornariam tão importantes, tanto pela quantidade quanto pela força política. Assim, Marx percebeu a emergência da burocracia e seu crescimento vertiginoso, enquanto burocracia estatal (MARX, 1986) e enquanto burocracia empresarial, o que ele denominou “gerentes” (MARX, 1988).

Após a morte de Marx, há um processo ainda mais intenso de desenvolvimento da burocracia, tanto das frações que já existiam, quanto através da emergência de novas frações, tais como a universitária (e escolar), a partidária, a sindical, etc., ou seja, a burocracia civil avança a partir da segunda metade do século 19, a fase A da

³ Esse foi o caso das lutas de classes na França, especialmente no que se refere à Comuna de Paris (MARX, 2020).

⁴ Sobre as esferas sociais veja: Viana, 2015a.

⁵ Hobsbawn (1993) afirma que o campesinato desapareceu na Europa. Claro que aqui se trata do conceito marxista de campesinato, como a pequena propriedade nominal e familiar, e não qualquer definição deste termo, tal como aqueles que pensam que todos os que moram no “campo” (zona rural) são camponeses, criando uma indistinção histórica entre servos, camponeses, latifundiários, operários agrícolas, etc. É isso tipo de confusão que permite alguns abordarem o que denominam “sociedades camponesas” (WOLF, 1976).

burocratização, segundo Lapassade (1989)⁶. Por outro lado, Marx não percebeu a emergência da intelectualidade como uma classe social (VIANA, 2013), pois seu desenvolvimento era muito incipiente no século 19. Essas duas classes sociais, no entanto, cresceram em quantidade e força política, especialmente a partir do século 20. A partir do pós-Segunda Guerra Mundial, a expansão quantitativa da intelectualidade e burocracia é visível, bem como o crescimento do seu peso político.

Assim, a tese da simplificação da luta de classes e sua condensação na luta entre as duas classes fundamentais e antagônicas estava correta para a época, mas devido ao desenvolvimento e ampliação da divisão social do trabalho, a situação acabou se complexificando novamente. E isso ficou ainda mais grave com o desenvolvimento da democracia representativa e formação dos partidos políticos, pois a ideologia da representação e as ilusões eleitorais permitiram que burocratas e intelectuais passassem a se declarar como sendo os porta-vozes da classe operária, do “povo”, da “nação”, etc. Estes e outros mecanismos acabaram gerando um processo de dificuldade para a autonomização do proletariado e, por conseguinte, sua passagem a classe autodeterminada (“para-si”, segundo terminologia de Marx). A emergência da juventude como grupo social importante politicamente, complexificou ainda mais esta questão, pois os jovens pertencem a todas as classes. Um setor mais específico no seu interior, o estudantil, também ganhou força nas lutas políticas, especialmente após o crescimento das instituições escolares a partir da instauração do regime de acumulação conjugado (pós-Segunda Guerra Mundial)⁷. Desta forma, a tese da simplificação dos antagonismos de classes foi superada historicamente e uma nova complexificação foi instituída.

A outra assertiva de Marx, sobre a coalizão de classes em torno das duas classes fundamentais, continua válida, mas também se tornou mais complexa. E isso tem a ver com o desenvolvimento capitalista e a alteração na composição e divisão de classes já aludidas anteriormente. A coalizão de classes em torno da burguesia ocorre, embora haja setores de algumas classes sociais que buscam se autonomizar e, assim, parecem ficar ao lado da outra coalizão, que seria em torno do proletariado. A burguesia, devido ao seu poder financeiro, hegemonia cultural e domínio sobre o aparato estatal, transformou a burocracia e a intelectualidade em suas classes auxiliares. A posição e função na divisão

⁶ Sobre a classe burocrática, é possível ver uma análise em: Viana (2018a; 2018b) e a respeito da abordagem de Marx sobre a burocracia, cf.: Viana (2015b).

⁷ Sobre os regimes de acumulação e sua sucessão histórica, cf. Viana, 2009; Almeida, 2020.

social do trabalho destas duas classes apontam para a reprodução das relações de produção capitalistas, uma através do controle social e outra através da produção cultural. É por isso que alguns setores dessas classes possuem altos salários, tal como já alertava, desde o final do século 19, Makhaïsky (1981)⁸. Em 1914, Robert Michels (1982) já alertava para a burocratização dos partidos social-democratas e a criação de uma “nova camada pequeno-burguesa”, o que, no fundo, significava nova fração de classe da burocracia. Os estratos inferiores dessas classes sociais, por sua vez, já não recebem salários tão elevados, e alguns ficam no nível do proletariado, ou até menos em alguns casos, mas ainda mantém o vínculo com os valores, interesses, etc., de sua classe de origem. Porém, uma parte desse setor busca se autonomizar e se afastar da burguesia, defendendo seus próprios interesses de classe. Mas, e isso complexifica a luta de classes, alguns pensam e afirmam estar defendendo o proletariado, a “transformação social”, o “socialismo”, o “povo”, as “classes populares”, etc. e, no fundo, defendem a tomada de poder e a substituição da burguesia pela burocracia. A intelectualidade fica a reboque da burocracia nesses casos, pois são as organizações burocráticas (partidos, sindicatos, Organizações Não-Governamentais, etc.) que possuem maior força e iniciativa política, apesar de seu enfraquecimento crescente com o desenvolvimento capitalista.

O que vem sendo dificultado com o desenvolvimento capitalista é a coalizão de classes em torno do proletariado. Obviamente que a burguesia sempre lutou contra tal coalizão, e sempre foi beneficiada pelo auxílio da burocracia e da intelectualidade, tanto em seus setores mais conservadores e próximos da burguesia, quanto nos seus setores mais autonomizados e que dizem representar a população e a transformação, pois ao se intitulem “representantes” ou “vanguarda” dos trabalhadores, do proletariado, das “classes populares”, do “povo”, acabam corroendo a hegemonia proletária em favor de uma hegemonia burocrática. O bloco progressista, que reúne os setores mais organizados, conscientes e ativos dessas duas classes, ao contrário do outro setor que se articula com o bloco dominante sob hegemonia burguesa, promove um processo de criação de organizações burocráticas (partidos, sindicatos, etc.) que são obstáculos para a autonomização do proletariado, bem como geram ideologias, doutrinas, correntes de opinião, que são outros obstáculos. Além disso, aglutinam setores das classes inferiores, incluindo do proletariado, em torno de suas organizações e concepções.

⁸ Ele chegou a afirmar, não sem certo exagero, que Kautsky tinha um modo de vida idêntico ao de um burguês (MAKHAÏSKY, 1981).

A coalizão de classes em torno do proletariado somente ocorre quando há ascensão das lutas sociais, o que significa que o bloco revolucionário, que é o setor mais organizado, consciente e ativo que expressa os interesses do proletariado, tende a se tornar mais forte e presente, e o proletariado se autonomiza, gerando a hegemonia proletária⁹. Alguns setores da intelectualidade e da juventude (em que pese esta não ser uma classe social, mas adquiriu, com o desenvolvimento capitalista, uma importância política considerável)¹⁰, também se articulam em torno do proletariado e isso se fortalece com a autonomização do proletariado.

Assim, a assertiva de Marx sobre a coalizão de classes em torno do proletariado continua válida, mas vem sendo dificultada e obstaculizada pela burguesia e suas classes auxiliares. E uma “terceira coalizão” se tornou possível, em torno da burocracia, inclusive atraindo setores das classes inferiores, com o discurso em nome do proletariado ou dos “trabalhadores”. Esses elementos ajudam a compreender a discussão a seguir sobre classes superiores e inferiores.

As classes superiores se apresentam no plural por não ser uma classe social e sim um agregado de classes sociais. O mesmo ocorre com as classes inferiores. E qual é a relevância dessa distinção e do uso desses termos? O primeiro aspecto é descritivo. Porém, não é qualquer descrição. Trata-se de uma descrição da realidade tal como ela é efetivamente, sendo, portanto, concreta, e possuindo importância para entender os processos sociais e as tendências nas lutas de classes. Distinguir entre classes superiores e classes inferiores¹¹ é um elemento da composição e divisão de classes sociais.

⁹ Sobre hegemonia burguesa e hegemonia proletária, cf. Viana (2018c; 2015c).

¹⁰ Isso é possível devido às características da intelectualidade e da juventude. Alguns setores da intelectualidade, por seu vínculo com a produção cultural e os valores vinculados a ela, bem como sua contradição relativa com a burguesia (burocratização e mercantilização da produção intelectual – arte, ciência, etc. –, entre outros aspectos), possuem maior capacidade de ruptura com a classe dominante, especialmente os setores mais autônomos, que se encontram geralmente nos estratos mais baixos e aqueles que valoram mais suas atividades (embora, quando exageram nesse ponto, se vinculam mais ao bloco progressista). A juventude, por sua vez, devido sua autonomia relativa e negação de sua inserção no mundo adulto, tende a rebeldia e ativismo, que, em certos setores, acaba se aproximando do proletariado (embora outro setor, maior, se aproxima do bloco progressista, ou seja, da hegemonia burocrática). Em momentos de radicalização da luta de classes, aumenta a adesão de indivíduos intelectuais e jovens à hegemonia proletária. Porém, é preciso deixar claro que a classe intelectual é uma classe auxiliar da burguesia e, por conseguinte, é conservadora. No entanto, indivíduos, ou até setores inteiros, podem ultrapassar essa determinação, embora seja raro além de casos individuais ou setores marginalizados (que podem também aderir ao extremismo conservador visando ganhar espaços com isso, tal como ocorre hoje no Brasil em torno de Jair Bolsonaro, apesar de alguns realizarem tal aproximação por questões morais).

¹¹ Em alguns textos passados utilizei os termos “classes privilegiadas” e “classes desprivilegiadas”. Porém, esses termos são impugnáveis pela confusão em torno das discussões problemáticas atuais em torno dos “privilégios”, bem como focar nesse item que, embora real, é de menor importância. Daí a alteração para

As classes superiores são algumas classes sociais agregadas por sua situação de classe, bem como as inferiores. Esse agregado de classes é a reunião de algumas classes sociais no sentido descritivo, através da posição e função de cada uma delas na divisão social do trabalho e na pirâmide social. Porém, além do aspecto descritivo, essa distinção também tem um caráter político, que é a tendência para unificação em torno da burguesia no caso das classes superiores e em torno do proletariado no caso das classes inferiores. E a própria consciência de pertencer ao agregado das classes superiores ou das classes inferiores já contribui para a unificação em torno das classes fundamentais, o que corrói, parcialmente, a possibilidade da “terceira coalizão”, que, no fundo, propõe um capitalismo reformado e não uma nova sociedade e assim não atende as necessidades e interesses das classes inferiores.

No plano concreto, as classes superiores são aquelas que possuem maior poder e renda. A classe dominante, a burguesia, obviamente é a detentora do capital e por isso direciona a acumulação de capital e concentra a riqueza, detendo não apenas o poder financeiro, mas a capacidade de coordenar o desenvolvimento capitalista em geral. Além disso, ela possui o domínio sobre o aparato estatal e hegemonia na sociedade civil. Ela é a principal classe superior e em torno da qual todas as demais classes superiores giram. A maioria das demais classes superiores são suas classes auxiliares¹². Em certos momentos históricos, outras classes proprietárias podem fazer parte das classes superiores, tal como a classe latifundiária. A nobreza foi parte das classes superiores durante algum tempo, até ser superada historicamente pelo desenvolvimento capitalista. Além dessas, as classes auxiliares da burguesia, a burocracia e a intelectualidade fazem parte das classes superiores, embora seus estratos inferiores estejam próximos, por sua renda e menor poder, das classes inferiores. Essas classes sociais estão, por conseguinte, no topo da pirâmide social. As classes proprietárias (incluindo, obviamente, a classe capitalista) e as classes auxiliares da burguesia formam as classes superiores.

As classes inferiores são aquelas destituídas de poder e possuem menor renda, englobando diversas classes sociais. Algumas delas são exploradas (proletariado,

classes superiores e classes inferiores, expressão da posição das classes na pirâmide social, forma ilustrativa da posição das classes na sociedade capitalista.

¹² As classes auxiliares são aquelas que desenvolvem funções na divisão social do trabalho que se voltam para a reprodução da sociedade e dos interesses da classe dominante (no caso, da classe capitalista), bem como são apoios políticos nas lutas de classes.

campesinato)¹³, outras são submetidas à pobreza e salários baixos, além do lumpemproletariado, submetido à marginalização na divisão social do trabalho. A principal classe inferior é, obviamente, o proletariado, a classe dos trabalhadores assalariados produtivos, que são aqueles que produzem mais-valor. A sua importância se revela em ser o sustentáculo da produção material na sociedade capitalista, sem a qual não existiria riqueza, bens materiais, sobrevivência da espécie. Além dessa importância “econômica”, o proletariado é importante no plano político, pois sem ele não existe possibilidade de transformação social, já que sem alteração nas relações de produção, o que depende dele, não há como emergir uma nova sociedade. Além disso, ele possui uma *capacidade revolucionária*¹⁴, pois o trabalho alienado, a exploração capitalista, o seu vínculo com a produção e o fato de estar no coração das relações de produção capitalistas o tornam o artífice de novas relações de produção e novas relações sociais. É isso que torna o proletariado (e não sua quantidade, que em certo momento histórico e lugares foi também expressiva e talvez a mais numerosa em alguns casos) uma classe revolucionária.

O proletariado é destituído de poder e sua renda é baixa, pois mesmo nos setores em que os salários são mais elevados, eles não se comparam aos das classes superiores (a não ser no caso dos estratos inferiores da burocracia e da intelectualidade). Porém, existem outras classes em situação semelhante e que formam, junto com ele, o agregado das classes inferiores. Esse é o caso do lumpemproletariado, a classe marginal na divisão social do trabalho e que vive no desemprego ou do subemprego¹⁵, dos subalternos¹⁶, dos

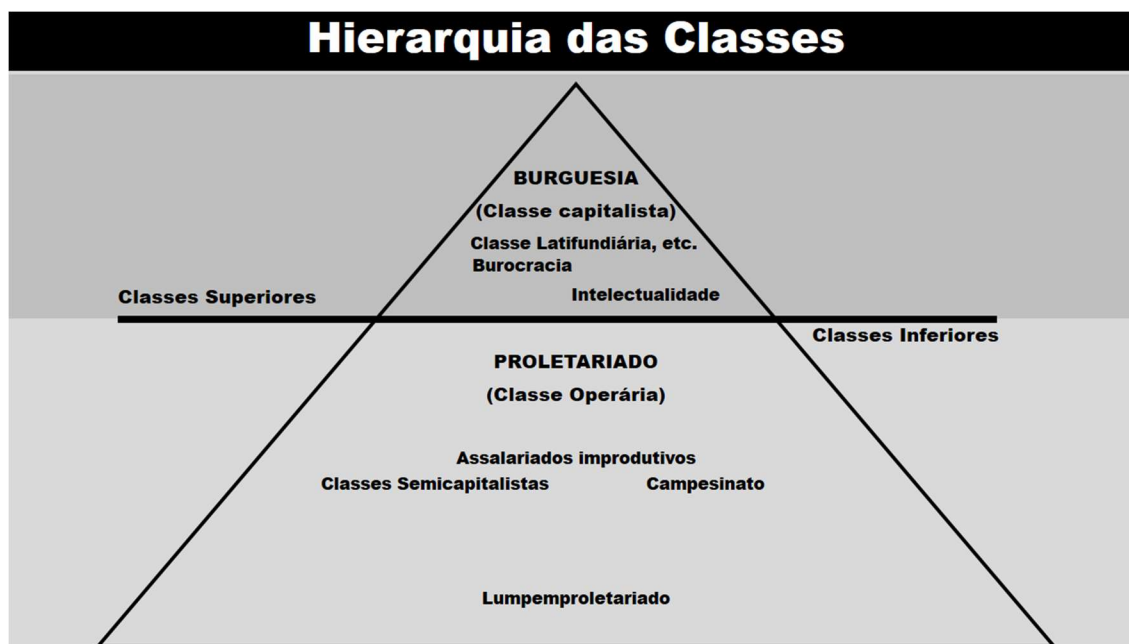
¹³ O campesinato é submetido ao que Marx denominou “métodos secundários de exploração capitalista”, no qual o capital bancário e o capital comercial são os principais agentes e beneficiários. A esse respeito cf. Marx (1986), Viana (209).

¹⁴ Sem dúvida, o proletariado, ao contrário de outras classes e setores da sociedade que podem se tornar revolucionários dependendo do contexto, possuindo um potencial para isso, ele é o único que tem a “capacidade” de efetivar uma revolução social, pois, sem ele, não há transformação efetiva das relações de produção capitalistas em novas relações de produção autogeridas. Porém, isso é uma possibilidade tendencial, o que significa que é uma potencialidade. É diferente de outros setores da sociedade, que, dependendo da luta operária ou contextos sociais e históricos, podem desenvolver uma potencialidade revolucionária. A rebelião estudantil de Maio de 1968 mostrou que o movimento estudantil possui potencialidade revolucionária, mas não tem capacidade de realizar a revolução e, por esse mesmo motivo, ele buscou incentivar o proletariado a entrar na luta. Assim, a potencialidade revolucionária do proletariado é uma necessidade vinculada aos seus interesses e relações sociais (e está contida nele, precisando, para isso se realizar, passar de classe determinada pelo capital para classe autodeterminada), e sua capacidade é a sua condição de classe capaz de materializar a revolução e a autogestão.

¹⁵ Sobre o significado do lumpemproletariado existe várias polêmicas e posições negativas ao seu respeito, desde Marx, mas que se intensificou e se tornou unilateral após ele. Marx manteve algumas ambiguidades em sua definição de lumpemproletariado (VIANA, 2018a), mas esta é uma das formas pelas quais ele o concebe. Contemporaneamente, outros autores vêm ressignificando o conceito no sentido de romper com tais ambiguidades e lhe retirando o caráter meramente negativo (VIANA, 2018a; BRAGA, 2013; VIANA, 2020).

camponeses, dos artesãos, entre outras classes, que também variam em quantidade dependendo da época e lugar. Os artesãos, por exemplo, foram reduzidos drasticamente e são parte de uma classe praticamente extinta.

Desta forma, poderíamos retomar a pirâmide social, expressão gráfica da hierarquia de classes, para ilustrar esses dois agregados de classes sociais:



O segundo aspecto que demonstra a relevância dessa distinção entre classes superiores e classes inferiores é a tendência para a coalizão delas em torno da burguesia e do proletariado, respectivamente. Já colocamos que essa tendência, observada por Marx, não se efetiva facilmente devido aos obstáculos gerados pelas condições da sociedade capitalista, especialmente a hegemonia burguesa e a emergência do bloco progressista e da ideologia da representação (incluindo a da vanguarda). No caso das classes superiores, essa coalizão nem sempre se concretiza englobando o conjunto delas. Sem dúvida, existem divisões no interior da classe capitalista (suas frações e outras subdivisões), bem como existem interesses distintos e, em alguns casos, até opostos (mas não antagônicos) entre as diversas classes que fazem parte do seletivo grupo das classes superiores. As divisões das outras classes além da burguesia também afetam essa coalizão, mas é algo secundário (os estratos inferiores da burocracia e da intelectualidade, por exemplo, tendem a querer se autonomizar e buscar formar uma “terceira coalizão”, gerando o bloco progressista e

¹⁶ A classe subalterna é aquela que engloba o conjunto dos trabalhadores domésticos (o que Marx denominou a “classe dos serviçais”), trabalhadores dos serviços e comércio, que possuem renda inferior e não possuem poder nas instituições (funcionários de limpeza, segurança, etc.).

girando em torno dele) e, uma parte da intelectualidade, desses estratos e de outros, pode se deslocar para uma posição ao lado do proletariado.

A burocracia e a intelectualidade são classes sociais conservadoras¹⁷, pois são classes auxiliares da burguesia. Os seus estratos superiores são a expressão mais clara disso e basta ver a alta burocracia das forças armadas e poder judiciário, bem como a burocracia estatal estatutária¹⁸, para perceber o seu conservadorismo e proximidade com a burguesia. Os estratos médios são mais volúveis e indefinidos, enquanto seus estratos inferiores se dividem entre setores mais conservadores e setores mais progressistas. Por outro lado, a divisão da intelectualidade é distinta, pois os seus estratos superiores são conservadores, mas seus estratos médios são mais volúveis, tendo mais indivíduos que se tornam revolucionários, mas predomina o progressismo (burguês ou burocrático), enquanto nos estratos inferiores existe uma maior adesão ao bloco progressista e ao bloco revolucionário, embora também exista adesão significativa ao bloco dominante.

No caso das classes inferiores, a coalizão é ainda mais difícil. Isso pelo simples motivo de que a hegemonia burguesa gera uma adesão de uma grande quantidade de indivíduos dessas classes aos valores e concepções do bloco dominante, conservador, e, secundariamente, aos do bloco progressista. No primeiro caso, temos os indivíduos e setores das classes inferiores que reproduzem e reforçam as ideias e valores dominantes, ou seja, a hegemonia burguesa, e, por conseguinte, buscam ascensão social, a propriedade, o consumo, competição, riqueza, poder, etc. e defendem a sociedade existente, buscando melhorar sua posição individual no seu interior. Trata-se de uma quantidade considerável de indivíduos, sendo, geralmente, a maioria dos indivíduos que compõem as classes inferiores. E foi assim em todas as épocas, com variações apenas no percentual dessa maioria, se 80 ou 70%, por exemplo.

¹⁷ Não será possível discutirmos aqui a relação entre indivíduo e classe social e por isso indicamos leitura de texto que aborda tal questão (Viana, 2022). No entanto, é necessário um breve esclarecimento. Afirmar que a classe intelectual é conservadora, por exemplo, não quer dizer que, necessariamente, todos os indivíduos dessa classe sejam conservadores. Sem dúvida, essa é uma tendência de todos os indivíduos da classe, mas existem exceções e o que ocorre concretamente é que a maioria dos indivíduos que pertencem a ela possui uma posição conservadora. Existem indivíduos que rompem com os interesses de sua classe social e, desta forma, podem destoar da maioria e de sua função na divisão social do trabalho e posição política.

¹⁸ A burocracia estatal estatutária é permanente no aparato estatal, ao contrário da burocracia estatal governamental, que é provisória. A primeira é geralmente concursada e possui estabilidade e a segunda é eleita ou nomeada, tendo mandatos delimitados. A burocracia governamental também é conservadora, mas é possível a eleição de progressistas (que mantém o progressismo mesmo quando estão nos cargos governamentais), especialmente os oriundos dos estratos inferiores dessa classe social e que buscam a autonomização da burocracia com a ambição de substituir a burguesia como classe dominante.

Uma parte dos indivíduos das classes inferiores, por ligações com partidos, sindicatos, etc., aderem aos valores e concepções do bloco progressista. O *quantum* dessa adesão também varia historicamente. Isso se justifica pelo motivo que alguns setores relativamente descontentes querem alguma mudança, fazem reivindicações, ou, alguns, se aproximam de ideias e valores ligados a tal bloco, em parte se iludindo com suas promessas e discursos. O discurso, as doutrinas e as ideologias do bloco progressista também são atrativos para setores da juventude das classes inferiores, bem como para os estratos inferiores da intelectualidade, sendo que esta é parte das classes superiores, mas é próxima das classes inferiores e tem uma influência sobre elas. Claro que isso varia de acordo com a época e lugar, bem como com a conjuntura. O bloco progressista foi perdendo força paulatinamente a partir da emergência do regime de acumulação integral, que marca uma nova fase do capitalismo a partir de 1980. Nesse sentido, o bloco progressista perde força e influência, bem como se aproxima ainda mais do bloco dominante, sendo que se torna, com exceção de uma minoria, pouco distinguível do setor mais democrático deste.

A última parte, quantitativamente insignificante em épocas de estabilidade econômica e política, tende a se aproximar do bloco revolucionário ou demonstrar um descontentamento geral sem ser acompanhado por uma utopia ou ideia de transformação social. Sem dúvida, nesses dois últimos casos, há variação devido à época e lugar, podendo aumentar ou diminuir. Em momentos de radicalização das lutas de classes, a tendência é aumentar a adesão aos valores e concepções do bloco progressista e do bloco revolucionário (sendo que, historicamente, há uma diminuição no primeiro caso, devido ao conservadorismo, oportunismo e burocratismo crescente da social-democracia e bolchevismo) e diminuição drástica da adesão à hegemonia burguesa.

Sem dúvida, também existem diferenças no interior das classes inferiores. A classe semicapitalista (composta especialmente por pequenos proprietários e pequenos comerciantes)¹⁹ são mais conservadores, pois se identificam com a classe capitalista²⁰, bem

¹⁹ Pequenos proprietários e pequenos comerciantes não são capitalistas e sim semicapitalistas e, portanto, não são uma pequena-burguesia, termo usado exaustivamente pelo pseudomarxismo. A pequena-burguesia, em nossa concepção, é um estrato inferior da burguesia, com menor capital, mas que possui trabalhadores assalariados e extrai mais-valor deles, cuja quantidade não se compara ao do grande e médio capital. Os pequenos proprietários e comerciantes são aqueles que possuem uma produção ou loja de revenda geralmente de base familiar. Os cooperativistas estabilizados e relativamente autossuficientes financeiramente também se incluem nessa classe social.

como alguns setores das classes trabalhadoras, tais como os comerciários. Outros setores das classes inferiores já tendem mais à rebeldia, tais como setores do lumpemproletariado, proletariado, especialmente os jovens. No entanto, trata-se de rebeldia e não posição revolucionária e isso é derivado tanto da condição juvenil (no caso específico dos jovens) quanto da falta de autoformação e condições de desenvolver ou conhecer projeto alternativo, ou, ainda, acreditar em sua possibilidade (o que inclui parte dos jovens e adultos). O proletariado não é homogêneo²¹ e, em épocas de relativa estabilidade econômica e política, tende a assumir posições conservadoras ou progressistas, majoritariamente. Uma minoria, geralmente seus estratos inferiores e parte da juventude proletária, tem maior tendência em aderir ao bloco revolucionário. Em momentos de ascensão das lutas, uma parte que tem posição conservadora tende a aderir ao bloco progressista e uma minoria ao bloco revolucionário. Aqueles que possuíam posição progressista, por sua vez, não mudam o posicionamento político ou então aderem a uma posição revolucionária. Aqueles que já tinham uma posição revolucionária tendem, obviamente, a continuar e fortalecer este posicionamento. Em épocas de radicalização e revolução, a posição revolucionária tende a se tornar quase que totalmente hegemônica.

Assim, a hegemonia burguesa reina absoluta nas classes superiores, com pouca dissidência e com uma parte, especialmente da burocracia e intelectualidade, aderindo à hegemonia burocrática e, uma parte ainda mais diminuta – da intelectualidade e juventude das classes superiores²² – à hegemonia proletária. A hegemonia burocrática é forte nos estratos inferiores da burocracia e intelectualidade, bem como possui força atrativa em setores da juventude das classes superiores e inferiores, além de atrair setores das classes inferiores. A hegemonia proletária, por sua vez, é a menos influente e que aglutina o menor número de indivíduos, sendo que atinge setores da intelectualidade e juventude das classes superiores, em pequena quantidade, e jovens e indivíduos em geral das classes inferiores, também em quantidade muito pequena.

²⁰ Inclusive muitos se consideram “empresários”, terminologia usada por institutos de pesquisa e meios oligopolistas de comunicação.

²¹ O proletariado tem também suas subdivisões, tal como suas frações (proletariado industrial, agrícola, construção civil, minas), além de estratos e outras subdivisões internas, além de diferenças externas que lhe atinge, como as nacionais, regionais, culturais, além da questão racial, sexual, etc. O peso e importância dessas diferenças e divisões variam histórica e socialmente, bem como de acordo com as divisões internas da classe.

²² Essa adesão, no entanto, é geralmente *temporária* e, na maioria das vezes, *ambígua*. Apenas uma parte insignificante, numericamente, dos jovens das classes superiores mantém adesão à hegemonia proletária após a entrada na idade adulta. As razões para isso já foram apresentadas em Viana, 2015d.

Essa é a situação em períodos de estabilidade econômica e política. Processos de desestabilização de um regime de acumulação, crises financeiras, lutas espontâneas e acirramentos dos conflitos de classes, alteram esse processo, sem contar acontecimentos extraordinários em outras instâncias (emergência de uma produção artística em perspectiva revolucionária que consegue espaço na sociedade mesmo em períodos de estabilidade, produção teórica que consegue, por sua capacidade explicativa, aglutinar mais pessoas, conflitos localizados em certos lugares ou rebeldia juvenil que desemboca em radicalização no plano cultural, etc.)²³, alteram isso e podem promover o aumento de espaços de hegemonia proletária em disputa com a hegemonia burocrática, que, em alguns casos, também se fortalece.

Desta forma, a divisão entre classes superiores e inferiores expressa também uma importância política. O proletariado revolucionário (via hegemonia proletária) tende a atrair as classes inferiores e tal tendência se fortalece com as crises e radicalização das lutas de classes. E isso ocorre, entre outras coisas, pelas semelhanças na posição da sociedade, nas reivindicações, na insatisfação compartilhada, na desilusão com governos e partidos, etc. Essa, no entanto, é uma tendência e já apontamos os obstáculos. Inclusive os setores ambíguos do bloco revolucionário (que são semiproletários e, por isso, se aproximam, em muitos casos, do bloco progressista ou de elementos de ideologias burguesas e/ou burocráticas) é um outro obstáculo no interior da própria luta revolucionária. Os indivíduos da ala semiproletária²⁴ do bloco revolucionário são influenciados pela hegemonia burguesa e burocrática, mesclando isso com elementos de hegemonia proletária, e por isso a competição, a ambição (inclusive intelectual), entre outros processos, dificultam a unificação do bloco e o reforço da hegemonia proletária.

²³ Estes processos ocorrem em momentos de estabilidade, gerando focos de hegemonia proletária. Porém, seu efeito vai além disso, pois, uma vez existindo, em momentos de desestabilização se fortalecem e ampliam, reforçando a tendência para a coalizão das classes inferiores em torno do proletariado, ou seja, adesão à hegemonia proletária, indo além de focos para se tornar algo mais generalizado.

²⁴ Aqui não se trata de pertencimento de classe e sim de perspectiva de classe, ou seja, são indivíduos de variadas classes que dizem expressar o proletariado ou uma posição revolucionária (sem referência ao proletariado, o que em si já mostra ambiguidade), apontando para uma crítica e recusa do capitalismo e defesa da constituição de uma nova sociedade (sob vários nomes: “comunismo”, anarquia, etc.), mas que são ambíguos, tal como no caso daqueles que possuem sentimentos e valores coincidentes com os do proletariado revolucionário, mas suas concepções, representações, doutrinas, são contraditórias e carregam em si elementos das ideologias burguesas ou burocráticas, influência do paradigma hegemônico, etc. Ou seja, no nível valorativo e sentimental se aproximam do proletariado, mas no nível racional, ainda estão sob hegemonia burguesa ou burocrática.

Porém, as condições de vida semelhantes das classes inferiores, ou pelo menos de sua parte composta por trabalhadores assalariados²⁵ e pelo lumpemproletariado, tendem a gerar uma unificação em torno do proletariado, ou seja, aderir à hegemonia proletária, o que se fortalece em momentos de desestabilização e, com mais força ainda, em momentos revolucionários. Em momentos revolucionários, até indivíduos das classes superiores podem aderir, e efetivamente aderem (alguns momentaneamente, abandonando tal posição quando volta a estabilidade ou a tentativa de revolução é derrotada, com algumas exceções, obviamente), à hegemonia proletária.

O fundamental, no entanto, é entender que a percepção da existência das classes inferiores é importante para analisar a divisão e composição de classes da sociedade capitalista, por um lado, e para a compreensão das lutas de classes e lutas políticas institucionais, por outro. Além da importância analítica, há sua importância política, pois é necessário compreender que o proletariado é a classe revolucionária de nossa época, mas ele aglutina outras classes (as inferiores), especialmente nos momentos revolucionários, e é assim que, mesmo não sendo a classe com maior quantidade de indivíduos, reúne a maioria da população sob hegemonia proletária. O caso da Revolução Russa mostra justamente isso, pois a maioria da população era camponesa (70% da população) e o proletariado era concentrado em algumas grandes cidades mais industrializadas e reuniu, além das classes inferiores (especialmente o campesinato, nesse caso), apoio de setores da intelectualidade e outros setores da sociedade.

Isso também serve para alertar militantes e intelectuais, que querem atuar apenas com indivíduos proletários, que a grande questão é fazer avançar a hegemonia proletária, tanto no âmbito do proletariado com sua autonomização e passagem para classe autodeterminada, quanto das demais classes inferiores e setores das classes superiores (especialmente setores da juventude e da classe intelectual). Desta forma, o objetivo é ampliar ao máximo a hegemonia parcial do proletariado, mesmo em momentos de estabilidade política e econômica, pois isso fortalece a tendência para sua autonomização e maior possibilidade de superar as demais forças hegemônicas em momentos revolucionários. A hegemonia proletária mais ampla possível hoje contribui com sua maior expansão em momentos de desestabilização e momentos revolucionários, deixando a

²⁵ No caso seriam os trabalhadores assalariados improdutivos, ou seja, aqueles que não pertencem ao proletariado. Não custa recordar que todo proletário é um assalariado, mas nem todo assalariado é um proletário (Viana, 2018a).

classe operária e demais classes inferiores menos despreparadas e menos tendentes a se iludirem com o bloco progressista e suas ações contrarrevolucionárias com discursos pseudorrevolucionários.

Em síntese, a distinção entre classes superiores e inferiores é descritiva-analítica, pois é uma descrição fundada em análise das classes, alianças, divisões, influências, no sentido de entender melhor as lutas de classes e outros processos sociais e que tem importância analítica, pois assim se percebe tendências que, sem tal distinção, desaparecem de vista. Por conseguinte, é uma distinção que ao ampliar a consciência da realidade e suas tendências, especialmente da luta de classes, contribui politicamente com a reflexão e a ação, possibilitando uma maior eficácia na luta política.

Referências

ALMEIDA, Felipe Mateus de (org.). *O Regime de Acumulação Integral*. Retratos do Capitalismo Contemporâneo. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

BRAGA, Lisandro. *Classe em Farrapos*. Acumulação Integral e Expansão do Lumpemproletariado. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

GURVITCH, Georges. *As Classes Sociais*. São Paulo: Global, 1982.

HOBBSAWN, Eric. Mudança no Proletariado provoca Crise das Esquerdas. *Revista Ruptura*, Ano 01, num. 01, Maio de 1993.

LAPASSADE, Georges. *Grupos, Organizações e Instituições*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

MAKHAÏSKI, J. W. *Ciência Socialista, A Nova Religião dos Intelectuais*. In: TRAGTENBERG, Maurício (org.). *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARX, Karl. *A Comuna de Paris*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

MARX, Karl. *A Luta de Classes na França*. São Paulo: Global, 1986.

MARX, Karl. *O Capital*. 5 vols. 1, 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. *O Dezoito Brumário e Cartas A Kugelmann*. 5ª Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.

MICHELS, Robert. *Sociologia dos Partidos Políticos*. Brasília: UnB, 1982.

VIANA, Nildo. A Concepção Marxista de Classes Sociais. *Marxismo e Autogestão*. Ano 03, num. 05, jan./jun. 2016.

VIANA, Nildo. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Lisboa: Chiado, 2018a.

VIANA, Nildo. *As Esferas Sociais*. A Constituição Capitalista da Divisão do Trabalho Intelectual. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015a.

VIANA, Nildo. *Desemprego e Acumulação Integral*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

VIANA, Nildo. Hegemonia e Luta Cultural. *Sociologia em Rede*, Ano 05, num. 05, 2015. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/4viana5b/261> acesso em 25/12/2015c.

VIANA, Nildo. *Juventude e Sociedade*. Ensaios sobre a Condição Juvenil. São Paulo: Giostri, 2015d.

VIANA, Nildo. Marx e a Burocracia. *Plural*, 5(02), 2015b.

VIANA, Nildo. Marx e o Modo de Produção Camponês. In: VIANA, Nildo (org.). *Temas de Sociologia Rural*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2009.

VIANA, Nildo. Marx e os Intelectuais. *CSONline* - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, vol. 01, num. 16 (7) jun./set. 2013. <http://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/view/2655/1627>

VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês*. Episteme Burguesa e Episteme Marxista. Curitiba: CRV, 2018c.

VIANA, Nildo. O Significado Histórico da Classe Burocrática. *Enfrentamento*. Ano 13, Num. 23, jan./jun. 2018b.

WOLF, Eric R. *Sociedades camponesas*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Texto aprovado para publicação em 23 de outubro de 2022.